

LEPTOSPIROSE CANINA: RELATO DE CASO

Juliany D'arc Franco de Oliveira¹, Cinthya Brillante Cardinot², Carina Franciscato³

RESUMO: A Leptospirose é uma enfermidade causada por bactérias do gênero *Leptospira spp.* que pode afetar humanos e animais. É uma doença de caráter zoonótico de ampla distribuição geográfica, tanto no meio urbano quanto rural. Acomete animais independente da raça, gênero e idade, sendo que o histórico desse está geralmente associado à exposição do indivíduo a ambientes contaminados ou a hospedeiros reservatórios. Assim sendo, o presente estudo foi feito no intuito de relatar um caso de leptospirose em um cão e demonstrar os principais aspectos clínicos, laboratoriais, forma de diagnóstico e tratamento da doença.

Palavras-chave: Leptospirose, Zoonose, Canino.

Área Temática: Saúde Animal

ABSTRACT: Leptospirosis is a disease caused by bacteria of the genus *Leptospira spp.* that can affect humans and animals. It is a zoonotic disease with a wide geographical distribution, both in urban and rural areas. It affects animals regardless of race, gender and age, and its history is usually associated with exposure of the individual to contaminated environments or reservoir hosts. Therefore, the present study was carried out with the aim of reporting a case of leptospirosis in a dog and demonstrating the main clinical and laboratory aspects, diagnosis and treatment of the disease.

Keywords: Leptospirosis, Zoonosis, Canine.

INTRODUÇÃO

A Leptospirose é uma doença infecciosa zoonótica, que afeta diversas espécies de animais, causada principalmente pelas espiroquetas da espécie *Leptospira Interrogans*. Sendo que nos cães, a maioria dos estudos demonstram maior reatividade para os subgrupos *Canicola* e *Icterohaemorrhagiae*. Essa é uma enfermidade que pode ser

¹Departamento de Medicina Veterinária / Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, Minas Gerais;

² Departamento de Medicina Veterinária/Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, Minas Gerais;

³ Departamento de Medicina Veterinária/Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, Minas Gerais;

transmitida por meio de contato direto ou indireto. A forma direta ocorre a partir do contato com substâncias infectadas como urina, ferida de mordedura, transmissão placentária e venérea, dentre outros. Já a transmissão indireta, sendo a mais comum, acontece a partir da exposição a fontes de água, solo e alimentos contaminados (GREENE, 2015).

Tanto o rato-de-esgoto, como os caninos podem desempenhar papel de reservatórios da doença no ambiente urbano. Os roedores sinantrópicos são uma das principais fontes de infecção para os seres humanos e cães. Além disso, a leptospirose é uma doença que afeta principalmente indivíduos em precária situação sócio-econômica e de saneamento básico (CASTRO *et. al.*, 2010);

As leptospirosas promovem infecção sistêmica rapidamente após entrarem em contato com as mucosas do hospedeiro, através de lesão de pele ou contato por longo tempo com a água (GREENE, 2015). Depois da leptospirose, as bactérias se replicam e atingem órgãos como rim, fígado, baço, sistema nervoso central, trato genital e olhos. Os sinais clínicos apresentados pelos indivíduos dependem da condição imunológica frente à infecção e do sorovar infectante. No geral, animais na fase aguda podem demonstrar anorexia, vômitos, letargia, febre, dispneia, taquipneia, icterícia, dor abdominal, oligúria, anúria, uveíte. A suspeita clínica pode se dar através da anamnese, sinais clínicos e exames hematológicos do paciente e o diagnóstico é realizado através de exames sorológicos (NELSON & COUTO, 2015; SILVA *et. al.*, 2018).

O tratamento consiste na instituição imediata da terapia antimicrobiana quando se suspeita de leptospirose canina, antes mesmo do diagnóstico confirmatório, além da terapia de suporte. A Penicilina e derivados, assim como a doxiciclina, são os antibióticos de escolha, no intuito de diminuir a bacteremia. A terapia de suporte depende da gravidade da infecção, mas objetiva regular os desequilíbrios hidroeletrólíticos, a disfunção renal ou hepática e outros fatores complicadores (JERICÓ *et. al.*, 2015).

O presente relato tem por objetivo descrever um caso de um cão com Leptospirose, atendido na Clínica Veterinária de Ensino da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), enfatizando a importância de diagnosticar a doença e tratar essa espécie que está intimamente relacionada com os seres humanos, destacando ainda, a importância epidemiológica da ocorrência da enfermidade no município de Juiz de Fora – MG.

METODOLOGIA

Foi atendido na Clínica Veterinária de Ensino da UFJF, um cão da raça Pitbull, de cinco anos de idade, macho, com peso corporal de 27,9 kg, procedente da cidade de Juiz de Fora, de um bairro próximo ao Rio Paraibuna. Na anamnese, a queixa principal era que esse animal apresentava vômitos, inapetência, coloração da pele amarelada, emagrecimento repentino, urina escura e com odor forte. Ademais, a tutora também relatou que o animal havia capturado um rato em casa, a cerca de 20 dias anterior à consulta. No histórico do cão, foi relatado que a última vacinação (polivalente e antirrábica) foi feita em 2017 em agropecuária.

No exame físico os parâmetros vitais estavam dentro do esperado para a espécie. Temperatura retal 38,8°C, Frequência Cardíaca de 130 bpm, Frequência Respiratória de 28 mpm. Além disso, a pele de todo o corpo do animal e mucosas apresentavam-se com icterícia marcante, linfonodos poplíteos estavam aumentados e olhos hiperêmicos.

Foram solicitados exames de hemograma e bioquímicos, pesquisa de hemoparasitos, ultrassonografia, urinálise e sorologia para leptospirose. As suspeitas clínicas inicialmente foram de leptospirose ou babesiose. Antes de ser obtido os resultados confirmatórios da enfermidade foi prescrito doxiciclina por 10 dias ao cão.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

No resultado do hemograma, não foram observadas alterações no eritrograma, porém no leucograma, foi constatada uma leucocitose (leucócitos totais: 22.000/mm³), com neutrofilia e desvio à esquerda regenerativo (neutrófilos segmentados: 17.380/mm³, bastonetes: 440/mm³) e monocitose (monócitos: 1.554/mm³). No exame bioquímico foi observado que o animal apresentava aumento de bilirrubina total e frações (direta e indireta), bem como elevação nos níveis séricos das enzimas alanina aminotransferase (ALT: 234,0 U.I./L), aspartato aminotransferase (AST: 97,0 U.I./L) e fosfatase alcalina (FA 942,0 U.I./L). Não foram observadas alterações de ureia e creatina. Além disso, não foram constatados hemoparasitos no esfregaço de capa leucocitária.

Os resultados da urinálise mostraram uma urina com coloração amarronzada e aspecto turvo, entretanto as análises químicas foram prejudicadas devido à coloração icterícia dessa. Já na sedimentoscopia, observou-se a presença de numerosos piócitos e de cilindros granulosos (0-1/campo).

Na ultrassonografia foi evidenciado um aumento de ecogenicidade hepática. Ainda, o exame sorológico por microaglutinação para leptospirose demonstrou que o animal foi reagente para *Leptospira canicola*, *Leptospira icterohaemorrhagiae* e *Leptospira pamona*.

Os sinais clínicos da leptospirose canina dependem do estado imunológico do indivíduo infectado e da virulência do sorovar, assim, as manifestações clínicas nos cães podem ser variáveis. Clinicamente o paciente apresentou os sinais e sintomas típicos e característicos da enfermidade, tais como anorexia, letargia, icterícia, oligúria e uveíte, assim como descritos por NELSON & COUTO (2015).

Quanto às alterações em exames laboratoriais, para GREENE (2015), uma alteração hematológica comum que ocorre na leptospirose é a leucocitose. Assim como foi demonstrado no hemograma deste paciente, que apresentou uma leucocitose com neutrofilia e desvio à esquerda regenerativo, indicando que o animal estava na fase aguda da enfermidade.

Há estudos que demonstram que a leptospirose não é uma doença primariamente associada à hemorragia, sendo esse apenas um achado com baixa prevalência, mas dando maior destaque para a síndrome urêmica, assim como um quadro de icterícia progressiva e lenta. Os resultados das análises bioquímicas, em geral, na maior parte dos indivíduos acometidos, indicam comprometimento renal e hepático pelo aumento de ureia e creatinina, hiperbilirrubinemia, elevação de enzimas hepáticas, hiperfosfatemia, hipocalcemia ou hipercalcemia (MCVEY *et. al.*, 2016; SILVA *et. al.*, 2020). Entretanto, no caso do animal em relato, conforme os resultados dos exames bioquímicos, ainda não havia dano renal. Mas foi evidenciada uma importante alteração hepática, como demonstrado pelo aumento das enzimas de vazamento (ALT e AST) e da enzima de colestase (FA). Além disso, o aumento da bilirrubina evidenciado no exame laboratorial, esclarece a presença da icterícia apresentada pelo animal.

O diagnóstico da enfermidade é realizado a partir da suspeita clínica, resultados de análises laboratoriais, principalmente do exame de soroaglutinação microscópica (SAM), que é a técnica padrão de diagnóstico para leptospirose, segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS) (JERICÓ *et. al.*, 2015). Após a confirmação da doença, o cão finalizou o tratamento com doxiciclina e obteve melhora clínica significativa. Em seguida, foi recomendada a vacinação do animal com vacina polivalente, no qual possuem antígenos dos sorovares *Icterohaemorrhagiae* e *Canicola*, principalmente, que são de extrema importância para a proteção dos caninos. Outrossim, é necessário evitar ao máximo que o animal

mantenha contato com roedores. Pois se sabe que a leptospirose é uma enfermidade grave que pode afetar diversas espécies de animais, incluindo o homem, por isso, é indispensável ressaltar a importância da profilaxia da leptospirose canina, sendo através do controle de roedores no ambiente, assim como a vacinação anual dos indivíduos.

O animal do presente relato era oriundo da zona urbana do município de Juiz de Fora, de um bairro nas proximidades de um rio, o que pode representar um local com maior risco de infecção, já que representa uma ameaça de alagamentos, pois para CRUZ *et al.* (2021), situações de inundações são consideradas um fator desencadeante para a leptospirose. Assim, destaca-se a importância de se realizar um levantamento epidemiológico no município, para detectar a ocorrência da enfermidade em cães.

CONCLUSÃO

A partir do presente relato, conclui-se que a leptospirose induziu alterações hepáticas significativas no animal, e que o diagnóstico precoce é essencial para a melhora do quadro clínico do paciente. A ocorrência deste, caso destaca a importância de estudos epidemiológicos, bem como a necessidade de informações sobre a prevenção desta enfermidade zoonótica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CASTRO, J.R.; SALABERRY, S. R. S., NETO, A. B. C., DE ÁVILA, D. F., DE SOUZA, M. A.; LIMA-RIBEIRO, A. M. C. Leptospirose canina-Revisão de literatura. **PubVet**, v. 4, p. Art. 917-923, 2010

CRUZ, C. O.; DA SILVA, E. M.; MATEUS, L. B. O.; VIANA, N. R.; JUNIOR, J. L. R. Leptospirose urbana e a sua relação com desastres naturais hidrológicos no Brasil: Urban leptospirosis and its relation to hydrological natural disasters in Brazil. **Archives of Health**, v. 2, n. 4, p. 1272-1275, 2021

GREENE, Craig E. **Doenças infecciosas em cães e gatos** . 4^o edição. Rio de Janeiro: Grupo Gen-Editora Roca Ltda., 2015.

JERICÓ, M. M.; NETO, J. P. A; KOGIKA, M. M. **Tratado de Medicina Interna de Cães e Gatos**. 1^a edição. Rio de Janeiro: Roca., 2015.

MCVEY, S.; KENNEDY, M.; CHENGAPPA, M. **Microbiologia Veterinária**. 3^a edição. Rio de Janeiro: Grupo GEN, 2016.

NELSON, Richard; COUTO, C. Guillermo. **Medicina interna de pequenos animais**. 5^o edição. Rio de Janeiro: Elsevier Brasil, 2015.

SILVA, E. R. D. D. F. S.; MELO, W. G. G. D.; SOUSA, M. P. D.; BEZERRA, D. D. O.; GONÇALVES, L. M. F.; MINEIRO, A. L. B. B. Leptospirose canina: revisão de literatura. **Revista científica de Medicina Veterinária**, p. 11 p-11 p, 2020.

SILVA, R. A., RODRIGUES; M. C., DAS VIRGENS SANTANA; M., RODRIGUES, K. F.; DE SOUSA, F. B.; DA SILVA, T. S.; DE MELO, K. M. S. Leptospirose canina: Relato de caso. **Pubvet**, v. 12, p. 131, 2018.